

Experiência de Deus

Que nome dar a esta fúria?
O belo nome de indignação!

“L’essence d’un acte fini d’exister
consiste à n’être que tel ou tel esse
et non l’esse pur... l’acte d’exister
se spécifie donc par ce qui lui manque”

(Saint Thomas D’Aquin,
“Contra gentiles”,
tradução Étienne Gilson)

Protegido por imensa crosta de esquemas que a sociedade lhe fornece, o homem realmente perde o reino dos céus: essa alegria intensa de se encontrar só, diante de si mesmo, de se saber só, sempre consciente de sua morte, e plenamente responsável pelo seu corpo-no-mundo.

Só após esse encontro é que o homem pode compreender as palavras de Cristo: “Trabalho para meu Pai.” É a própria consciência, certa ou errada (para quem?) em sua plena manifestação, desalienada, vinculada às vísceras, quem lhe fala, às vezes, em voz alta, sobre a significação de sua presença *aqui e agora*: um homem entre homens. Um reino não utópico, sem monarcas e súditos, um espaço em torno, idêntico ao anterior, que se percebe de repente em sua plenitude.

Mas o caminho é o do terror, da náusea, da angústia, do nada, da dor, do grito, do uivo, do gemido, das aparentes perdas de equilíbrio,

que depois se constata serem autênticas *perdas de equilíbrio* num espaço insuportável, perdas necessárias para reerguer-se e descobrir a plenitude existente no mesmo espaço. O caminho é o do rilhar de dentes, da raiva necessária para abolir lirismos letais, e fecais, da sexualidade eufórica que se expande em qualquer lugar, sexualidade humana que não espera bênçãos nem lençóis engomados para sentir o intenso gozo do orgasmo coletivo, sexualidade não controlada por horários e conveniências, mas que se manifesta quando o corpo-consciência encontra outro corpo-consciência, seja o que for, homem ou mulher, e desse encontro surge a autêntica transcendência, que é um *ir além de* no próprio caminho.

E agora, sim, falemos de Deus!

A primeira noção de Deus nos é imposta, como todas as outras, e se incorpora ao conjunto de valores que qualquer tradição nos lega. Mesmo quando é oferecido como antivalor, ele nos surge como valor possível. Negá-lo é quase afirmá-lo. Quando a criança principia a balbuciar e a repetir de um modo aparentemente desorganizado, mas bem organizado para a sua estrutura, as noções à sua volta, a idéia do criador lhe vem como absoluto real ou ideal, afirmado ou negado, e quando negado nada lhe é ofertado em substituição, aceitando-se o fato consumado de que *Deus* é apenas uma ilusão de mentalidade primitiva, medieval, ou mitológica, ilusão desfeita pela *ciência*, e *absolutamente* desnecessária, para o assim chamado espírito moderno. Há um detalhe a acrescentar, e o existencialista judeu viu bem o assunto, e o analisou como fenômeno de eclipse. Quando o fenômeno ocorre não se pode falar em inexistência do sol.

Eu não acredito em Deus.

Acho a noção de Deus fundamental para compreender o fenômeno da consciência humana. E é essa experiência de Deus feita pela consciência no tempo e no espaço, ou no espaço-tempo, se preferirem, que me parece fundamental para vislumbrar (ainda que de raspão e bem superficialmente, por mais profunda que seja a análise) o fenômeno *consciência-em-ação*. Creio que o mais empedernido materialista quando, à noite, fica sentado diante do aparelho de televisão está rezando e rendendo homenagens a um valor idêntico ao que nega com a arrogância de

pretensão *desalienado*. A fratura criada com a negação simples de Deus cria um vazio que nada preenche, ou gritos idiotas como o de NIETZSCHE: *se Deus está morto, tudo é permitido!* Sócrates queria ser apenas *um homem*, por isso não enlouqueceu, aceitou com tranqüilidade a cicuta.

A idéia ingênua de Deus oferecida à criança me parece mais perniciososa do que qualquer outra. A idéia refinada de Pura Transcendência uma alienação que dá, em bloco, o ponto de partida para a pior incompreensão, a não-compreensão de que é a própria consciência a criadora da idéia de Pura Transcendência, o que não implica em nenhuma conclusão agnóstica, armadilha preparada pelos que não ousam afirmar: IGNORO. O *absoluto* surge como limite da consciência em expansão, em evolução. Deus seria um nome, o melhor talvez, para esse absoluto, e esse nome ainda em função de uma *causalidade grosseira*. A idolatria, fenômeno idêntico no primitivo e no criador, científico ou artístico, seria a objetivação dessa tendência para o absoluto. E derivando por essas águas chegamos à gênese simultânea de *palavra e emoção*, de *idéia e alienação*, gênese difícil de teorizar, já que ligada à experiência pessoal global, e envolve fragmentos informes de manifestação da consciência com tanta vitalidade que deixa dúvidas sobre a capacidade de não adulterar o sentido ao dar-lhe a forma diacrônica de um resumo discursivo. Eis aí o mistério, ou se quiserem, a ignorância, ou melhor, ainda, a abertura do que é imponderável, exatamente por ser imponderável. Não, pobre dinamarquês, não, venerando historiador do hassidismo. O TU é sempre um ser humano. Nunca uma abstração da consciência, uma criação alienada. O TU é um vínculo que se estabelece em função de um ELE. A experiência, a única, a verdadeira, a singular, é pessoal, e não genérica, ilógica, e não grosseiramente racionalizada; a experiência absoluta é a da consciência na fronteira da perda, é o sentimento inflado ao absoluto, em que há anulação da afetividade cotidiana, e a capacidade de criação de idéias aparece no estágio da idéia transmitida de *demiurgo*. A consciência é Deus. Apenas. Os chineses já viram isso. Num de seus inúmeros exercícios de meditação, em que há realmente *trabalho sobre* a consciência, trabalho que um ocidental desconhece, e que interessaria a um marxista, com toda a sua *mais-valia*, numa dessas meditações o

homem que medita se descobre como *schen, deus*, com *d* minúsculo. As relações de um estágio desses da consciência com uma consciência ocidental pequeno-burguesa afetada, oscilando entre neurose e psicose, paranóia e esquizofrenia, seriam campo interessante de pesquisa. Não à procura de *arquétipos*; à procura, talvez, de *protótipos*. Abolindo a idéia primária de uma noção transmitida pela tradição, porque mesmo transmitida chega à minha consciência com as mesmas características de um objeto qualquer, isto é, uma *manifestação* da consciência-no-mundo, abolindo a idéia de uma experiência direta, em que o Transcendente aparece numa relação imediata, ou mediata através de um homem, abolindo as duas hipóteses resta-nos a noção, fruto de um aprendizado como outro qualquer, com os mesmos esquemas, a mesma causalidade, a mesma *necessidade* de uma exigência ética que garanta a convivência. O pior é que em nome dessa exigência ética se trai às vezes o principal: a operação da consciência para atingi-la espontaneamente. A experiência de Deus é a experiência da consciência de Deus. No limite a consciência é Deus. Para o materialista, como para o idealista. A experiência de Deus é também, fundamentalmente, a experiência da morte. E é essa experiência que pode ser encarada como o limite de um campo de opções éticas. E essa experiência ética incorporada ao gesto se diferencia do valor *transmitido*. O valor transmitido é testado na situação-limite. Pode inclusive ser o mesmo. Com a pequena diferença: foi conquistado. Defino situação-limite:

instante em que o valor pode ser afirmado ou negado, estando a totalidade existencial em jogo.

Cabe, talvez, uma pergunta: que espécie de equilíbrio se reconquista quando a idéia de *vida* supera uma crise *mortal*? É também aí que a idéia da imortalidade surge como manifestação da vida que se ama e se quer prolongada, a *alma* como alienação da consciência-campo, nada, desvinculada da consciência-corpo. Na experiência limite da morte, a *vida* aparece sempre como uma outra possibilidade não utilizada, logo, a ser seguida. Ao infinito. Para a consciência, pelo menos. Caberia observar,

também, que quando um homem recebe alguma coisa, já conquistou o direito à dádiva. O feto, mal gerado, principiou a conquistar o direito à vida. Quando nasce, ele já *conquistou* esse direito. Ninguém lhe *ofereceu* a vida. Ele a *conquistou*. Está aí, vitorioso. Quando o homem morre, ele conquistou o direito à morte. E morre só, em qualquer lugar. Até a nostalgia de um *morrer em casa* é um valor como outro qualquer, resíduo de uma afetividade mal estudada. O homem *vive só, morre só*. Quando um homem morre entre familiares:

- a) tem uma ilusão de conforto; se morre, a morte é própria, portanto indiferente ao local.
- b) tiraniza aqueles que o amam, porque lhes impõe o espetáculo de sua morte.

A morte não é um ato social. É um ato individual, singular, intransferível. E é nessa experiência limite que ele constata que não há passado, nem futuro. Há um *presente sucessivo*. Se o passado *me* perturba é porque o presente *me* perturba. Se o futuro *me* perturba é porque o presente *me* perturba. E é ainda aí que surge a pergunta das horas de tédio: será realmente *insuportável* a pura consciência da existência? Ou nessa consciência da existência ponho recheio de falsos valores? E indo mais longe: o que oferece o *materialista* à consciência alienada para cobrir essa estrutura da consciência que se manifesta sob a forma de *tendência para o absoluto*? Se é uma *exigência ética*, me parece que ainda não foi formulada em termos coerentes. Sob a capa de ciência são valores teológicos os apresentados. Nascimento. Morte. Animalidade. Utopia. Coordenadas concretas a definir um espaço não-geométrico em que se move minha existência. Espaço não-geométrico, pouco me importa a curvatura, em que as trajetórias não são definidas por leis e parâmetros, e em que honestamente tudo se ignora, em que o que interroga é interrogado, em que sonho e realidade têm a mesma consistência de *fato* para o homem que *sonha e é real*, concretamente. O que não sonha é um ser amputado, e só o homem *real* sonha. Nascimento. Morte. Ainda o feto. Em algumas urnas funerárias o corpo é colocado na posição fetal. Nos momentos de

terror o indivíduo reassume essa forma. Os *profundos* falam em nostalgia, em regresso. Esquecem apenas uma coisa elementar: no caso da urna, é o menor volume em que se pode colocar o corpo; no caso do terror, é a posição do corpo em que há menor dispêndio de energia para enfrentá-lo. Não é um princípio idêntico o que determina a situação no ventre: *natura nihil facit frustra; natura agit per vias brevissimas?*

Há momentos de exaltação na experiência de Deus. A do místico, histérico, exacerbado, em que a sexualidade transborda em imprecações e orgasmos. Nesses momentos pelo menos se constata uma coisa, a histeria não invalida a experiência, reforça-a. O importante, talvez, não seja abolir a histeria, mas saber usá-la. E histeria é uma das formas de adequação ao real, com um significado no Ocidente e outro no Oriente. A Pura Transcendência tem algo mais em que se preocupar do que definir uma Tordesilhas. Não creio que seja necessário um conhecimento da alma, de Deus, e da unidade do mundo, além do conhecimento que temos de que somos capazes de *criar* tal conhecimento. Para isso, para esse aprendizado é preciso que algum deus nos inspire. Mas não este que nos oferecem os que tudo sabem. Para estes só temos uma palavra.

Merda!

Mas, antes, defino valor:

modo da consciência como corpo.